

O TELEFONEMA

Já passava das nove quando o telefone tocou. Sobre o carrinho de chá entre as poltronas cativas, seu toque estridente e próximo me fez pular. Eu assistia à novela junto com meu marido e não pude deixar de resmungar com a chegada de tão indesejada e sonora interrupção.

Atendi sem tirar os olhos da tela e ouvi meu nome do outro lado da linha. Não reconheci a voz. Era de alguém que me conhecia, sem dúvida, mas, ainda assim, nada familiar. Uma voz masculina, gutural, um tanto arrastada, como se sob efeito de álcool.

– Sim, sou eu. Laura. Quem fala?

Assim que confirmei ser eu ao telefone, tudo o que ouvi foi uma súplica para que não o esquecesse. Conseguira sobreviver a minha ausência física, mas não suportaria não habitar mais meus pensamentos, meus desejos, minhas fantasias. Não suportara receber o meu cartão.

Meu marido, ao lado, estranhou meu silêncio e minha perplexidade. Perguntou do que se tratava, quem era, o que queria. Seria possível alguém não estar assistindo à novela?

Fiz sinal para que ficasse quieto por favor e parasse de gesticular. Voltei a atenção para aquela voz estranha, agora já estranhamente familiar, e perguntei novamente quem falava. Senti uma pontada no estômago ao ouvir a resposta. Cinquenta anos haviam se passado desde o fim de nosso relacionamento, mais de trinta desde a última vez que o vira, poucas horas desde a última vez que pensara nele.

Tentei soar o mais natural possível, como se fosse um amigo estimado, há tempos afastado da família e, de repente, ansioso por notícias. Não tinha

como dizer que não estava entendendo direito o que me pedia, nem como perguntar se algo de mais sério acontecera, se ele estava bem. Em pouquíssimas palavras, procurei fazê-lo entender que me confundira com outra pessoa, pois eu não tinha enviado cartão algum, e logo passei às perguntas de praxe “Como vão todos?”, “Teus filhos, teus netos...?” e assuntos como o frio do sul, o tempo, os anos que passavam rápido demais, quase atropelando a todos pelo caminho. Falei de minhas filhas, de meus netos, perguntei pelo trabalho, pelas crônicas no jornal e, novamente por susto e praxe, anotei seu número. Desliguei o telefone quase errando o caminho de volta ao gancho. Meu marido, irritado, já havia recorrido à televisão de seu quarto, ao que agradei. Eu estava gelada, trêmula, não haveria disfarce.